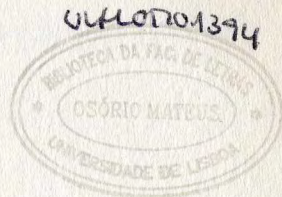


&etc

prometeu
rascunhos



JORGE SILVA MELO



prometeu

rascunhos à luz do dia

PROMETEU - RASCUNHOS À LUZ DO DIA

estreado a 12 de Julho de 1996 no Festival Internacional de Teatro de Almada

ACTORES Ivo Canelas, Paulo Claro, Teresa Roby, Isabel Muñoz Cardoso

LUZES Pedro Domingos, José Rui Silva

FOTOGRAFIAS Steve Stoer, Susana Paiva

PRODUÇÃO Lucinda Loureiro, Sérgio Matos, ARTISTAS UNIDOS

"BELLA CIAO" interpretado pelo Nuovo Canzonere Italiano

algumas falas solitárias
por cima do mar encapelado

é o mar em baixo é o deserto

é a água, a água eterna,

é a água

uma água que vive como a barba

eternamente como

esta a primeira fala de prometeu

prometeu

... em baixo é o mar, não é...

nem sei

em baixo o deserto

aqui o rochedo

é onde os homens não chegam

onde nunca chegaram

por terra

ou

mar

nem os fenícios ...

é o mar em baixo é o deserto

... é a águia, a águia eterna,

é a águia

uma águia que me come a barriga

eternamente come

como se eternamente a barriga
e as dores
as dores recomeçassem...
Zeus mandou-me para aqui
Otelo esteve na cadeia
e da cadeia
mas de outra cadeia
de outras cadeias
escreveu Gramsci
escreveu Rosa Luxemburgo
as águias que me comem a barriga as águias
são as grades das cadeias para Rosa Luxemburgo
é isto o que viam da janela
da cadeia
lá em baixo o mar
para os que estiveram presos em peniche
lá em baixo o mar
ou o deserto
tarrafal cáucaso
onde os homens não chegam
eternamente a águia
como

a gota de água a cair no balde
eternamente
como
a fritadeira no tarrafal
que ainda hão-de dizer
que não existiu
que portugal é doce e manso como o seu fascismo
que nunca teve o tarrafal
nem o apoio prático
logístico
a Franco e a Sanjurjo
a Guardia Civil
badajoz
e o massacre de badajoz
como se nada disso tivesse existido
e todos dançassem o fox trot
até de madrugada
nos clubes modernistas
pois Salazar, diz nas revistas de sábado de agora, era só um
rapaz
tímido
namoradeiro

e melancólico
deprimido homem como tu
passeando lentamente
passeando devagar
no jardim
ao cair da noite a ler o breviário
e a única carta de amor
que recebera...
Eu roubei o fogo aos deuses
arranjei para os homens calor e lar e fogo onde cozer os
animais
disse-lhes como fazer
nas noites de vento frio
eu, Prometeu,
o da água
aquele a quem a água no cáucaso come a barriga
eu Prometeu
dei aos homens o que eles não tinham e os homens vivem
Otelo Saraiva de Carvalho, salud!
Ernesto Che Guevara!
ó pai dos povos, Estáline... o cáucaso não é longe da
geórgia...

tua geórgia natal
bem amado Estáline...
salud!
pai dos povos
como eu
pai dos homens
e os homens não querem saber de nós
os homens...
dei-lhes o fogo
o fogo que roubei a Zeus
e tu, Estáline?
ó republicano colhido por uma bala nessa tarde de espanha
e o vento frio e a poeira sempre levantada
queremos os dois a liberdade
entreguei o fogo, o lume, a chama aos homens indefesos
É a eternidade a sofrer
amarrado ao penhasco
no cáucaso
deserto
o deserto é a eternidade
a eternidade é o deserto
a morte

é um instante.

Quem és tu, homem vestido de branco

quem és

uma bala atravessa-te o crânio

rebenta-te os miolos

quem és, de onde vens

camponês?

o republicano baleado

... eu sou o republicano baleado na guerra civil de espanha

tal como morri

tal como fui captado

pela fotografia de

Robert Capa...

prometeu

Uma águia, uma águia

come-te os miolos?

fala do republicano baleado na guerra civil de espanha tal como foi captado na fotografia de robert capa

o republicano baleado

... não é a águia, não

a águia eterna,

não é a águia,

é uma bala na cabeça.

Caio

uma bala na cabeça não uma águia que me come a barriga

nem eu roubei o fogo aos deuses

roubaram-me a terra

roubaram-me a república

morro

diante da máquina de Robert Capa

que dispara

disparam as armas, disparam as máquinas fotográficas

eu
eu morro
eu não sabia nada
roubaram-me
a águia não me come a barriga
nem eu arranjei para os homens calor e lar e fogo onde
cozer os animais
nem lhes disse como fazer
nas noites de vento frio
tu, Prometeu, o da águia
aquele a quem a águia no cáucaso come a barriga
tu Prometeu
deste aos homens o que eles não tinham e os homens vivem
eu dou-lhes a minha morte
e não sou eu que dou
é Robert Capa amante de Ingrid Bergman
americano que vai também morrer
vindo de hollywood califórnia
quando a américa também foi terra dos pobres
e dos que com os pobres
a américa dos pobres e dos comunistas
Ben Shahn, salud!

Robert Capa, salud!
Alvah Bessie, salud!
é ele que está aqui
somos os dois
eu morro
ele olha
somos os dois
mas eu é que morro
mas se ele não estivesse aqui
a minha morte era
se ele não estivesse aqui
se não tivesses vindo dos bungalows de hollywood
para esta tarde de espanha em que me viste morrer
e o vento frio e a poeira sempre levantada
queremos os dois a liberdade
e nenhum de nós sabe o que isso é
ambos queríamos amar a Ingrid Bergman
tu foste com ela para cama, Robert Capa
eu
eu só a vi nos cartazes de cinema
quando tinha que ir a valência
Ingrid Bergman tua amante

como Io, a sem terra, perseguida pelas moscas
de que falaram vocês, Prometeu, Prometeu, Io...
e tu Prometeu
tu
querias o fogo, o lume, a chama para os homens indefesos
indefesos os homens que me matam com o fogo das armas
eu não morro indefeso
eu morro porque julguei que ia lutar
e afinal matam-se entre eles os camaradas
matam-se os camaradas
denunciam-se
iremos todos ser expulsos do partido assassinados
esquecidos
em moscovo
em paris não sei como é que foi em lisboa
mas sei como foi moscovo depois de mim
sei e tenho raiva
por estarmos aqui o comunismo nunca mais será o mesmo
Estáline alia-se a Franco que se alia a Estáline, os inimigos
Franco e estes bandidos todos vão inflectir o comunismo
e Rosa Rosa Rosa
Rosa Luxemburgo morreu ao pé do landwehrkanal

para nada
eu morro para nada
Prometeu
e reaparecerei sempre nas galerias de arte
eu
aquele rapaz judeu do ghetto de varsóvia
as mãos no ar
nos olhos o pânico
um rapazito
aquele outro do vietnam a pistola
não a água
a pistola
junto às têmporas
a pistola
para que morreu ele
que não roubou
não roubou
o fogo aos deuses
para que morreram
os que nem fotografados
nem fotografados
como eu

foram
fotografados
ao morrer
com um tiro
não uma águia
não
um tiro, uma pistola
não é a eternidade a sofrer
amarrado ao penhasco
no cáucaso
deserto
ou numa cadeia de itália como Gramsci
ou numa de berlim como Rosa Rosa Luxemburgo
não é a eternidade
é um segundo e não existes
nem o teu amor.
Não mais verás as mulheres a falar na praça da vila,
a tua mulher a rir
e tu a beber
a beber com ela
a doce manzanilla
das noites quentes.

E a mulher no vietnam que corre com o filho nos braços
numa estrada da morte napalm
não morremos
não
ficámos objectos de arte
e hão-de dizer que é bela a fotografia
que me tiras
Robert americano vindo de hollywood
para me veres morrer
eu morro
não é uma águia
é uma bala, é uma bala que me atravessa a cabeça
e há quem diga que esta fotografia foi encenada
que eu não morri aqui
que fomos a seguir comer presunto e beber jerez
e talvez não tenha morrido
talvez eu nunca morra Prometeu como tu
talvez eu nunca morra como Rosa
polaca
judia
Rosa Luxemburgo assassinada
Karl Liebknecht

torturas obrigado por me terem libertado todos
homens

Espártaco tu que em Roma

Rosa Rosa Rosa Luxemburgo que mataram

e contigo mataram

o comunismo

e me libertas dia a dia pouco a pouco me libertas

negro da américa que cantas nos campos de algodão e na

prisão

homem de cacilhas que te submetes ao desemprego

e me libertas

aos mortos devo a vida

e o meu amor.

Os mortos levam-me sobre as águas do tejo e levam-me ao

meu amor e a noite vai caindo sexta-feira da paixão

eu estou vivo

e tu sorris.

carlota do werther

deixa, eu corto o pão

São utilizados excertos da acta do julgamento de Boukharine em 1938 e das cartas de Rosa Luxemburgo. Assim como uma frase de Herman Melville. Da “Moby Dick”. Adivinhem, é a mais bonita do texto... Na segunda parte, há excertos do “Manifesto do Partido Comunista” de Marx-Engels, de Gomes Leal e dos “Dialoghi con Leucò” de Cesare Pavese. E há uma cena mais ou menos de Ésquilo e do próprio “Prometeu Agrilhado” se é que esta peça é de Ésquilo e se é que neste nosso português ainda é de alguém um texto assim. Agradeço a colaboração de Eduarda Dionísio, Jean Jourdeuil e Jean-Pierre Morel.